

História & mito

Thiago Leandro Vieira Cavalcante

Mestrando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, secretário da Anpuh - MS (2006-2008)
e bolsista da Capes.
thiago_cavalcante@hotmail.com

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

“... O mito trata do desconhecido; fala a respeito de algo para o que inicialmente não temos palavras. Portanto, o mito contempla o âmago de um imenso silêncio [...] o mito não é uma história que nos contam por contar. Ele nos mostra como devemos nos comportar...” (Armstrong, 2005, p.09).

Desde a década de 1970, a História ampliou vastamente sua visão a respeito do objeto de estudo do historiador. Pode-se considerar como marco nesse processo a publicação da coletânea *“História: novos objetos, novas abordagens, novos problemas”* (1976), organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, a partir de então o conhecimento histórico se valeu de novos métodos, novas abordagens e sobretudo de novos temas.

Nesse contexto, cada vez mais os historiadores se interessam pelas questões das religiões, das religiosidades, do imaginário e da mitologia. Esse interesse nos obriga a ampliar as relações interdisciplinares, através das quais podemos ter uma compreensão mais completa a respeito dos temas por nós pesquisados. Assim sendo, livros como *“Breve história do mito”* se tornam necessários e importantes nas bibliotecas dos profissionais do ofício historiográfico.

Karen Armstrong é uma inglesa com uma carreira apenas tangencialmente acadêmica, aos dezessete anos tornou-se noviça da ordem religiosa Society of the Holy Child Jesus, três anos depois, em 1965 fez seus primeiros votos como freira. Ainda como religiosa estudou Literatura Inglesa na Universidade de Oxford e em 1969 desiste da

carreira eclesiástica. Logo em seguida, começou a lecionar na Universidade de Londres e ao mesmo tempo desenvolveu um trabalho de doutoramento sobre o poeta Alfred Tennyson, mas uma surpresa interrompeu sua carreira universitária, a autora teve sua tese rejeitada por um consultor externo e foi impedida de continuar lecionando no magistério superior. Após enfrentar uma série de problemas de saúde, em 1981 publicou sua primeira obra, ela tratava de sua própria experiência pessoal enquanto religiosa e por meio dela a autora se tornou conhecida na Inglaterra e em vários outros países, pois essa e as posteriores foram traduzidas para diversos idiomas. Como pesquisadora especializou-se em religiões monoteístas especialmente o judaísmo, cristianismo e o islamismo, sendo autora de várias obras a respeito desses temas. Como convidada, participa da *Aliança das Nações*, um projeto da ONU, cujo objetivo é aproximar o ocidente e o mundo islâmico.

O livro *“Breve história do mito”*, publicação mais recente da autora, tem características de uma obra generalista panorâmica, ou seja, não trata de um mito em específico, nem de uma sociedade ou cultura específica, todavia, ele apresenta uma visão geral das relações do homem com o mito nos mais diversos períodos da história da humanidade.

Em grande parte apoiada nas idéias de Mircea Eliade, a autora divide a obra em sete capítulos. No primeiro, *“o que é mito”* busca de forma sintética e clara uma definição para o conceito. O mito seria algo essencialmente humano, ou seja, criação humana e tem por objetivo responder às questões para as quais o homem não consegue, ou não

conseguia, dar uma resposta aceitável. O mito, portanto, atua como confortador do homem, tem por objetivo auxiliar as pessoas a lidar com as dificuldades mais problemáticas da vida humana e, portanto, ele só é eficaz e vivo enquanto consegue atingir a esse objetivo.

Os outros capítulos são divididos em longos períodos, períodos em que na opinião da autora ocorrem grandes transformações que acabam por provocar mudanças significativas na concepção e na relação que o homem desenvolve com o mito. Desse modo, no período paleolítico o homem desenvolveu a chamada mitologia do caçador. Anterior à revolução agrícola o homem do paleolítico conferia um caráter sagrado à caça e aos caçadores. O caçador sempre se apropria de arquétipos e segue estritamente o ritual da caça. É também no paleolítico que teria surgido a mitificação do céu e a idéia de existência de uma paraíso perdido, do qual o homem por algum motivo, sempre é obrigado a se afastar, nesse sentido o mito não atua somente como um elemento nostálgico, mas como um arquétipo que deve sempre ser seguido e que tem a possibilidade de devolver ao homem a possibilidade de contato com esse paraíso. Não há nesse período a dicotomia sagrado e profano; tudo é sagrado.

No período neolítico o homem passa pela revolução agrícola, que é vista de forma sacramentalizada. Existe uma visão de que a terra é sagrada, a fonte de vida da humanidade, uma visão holística com idéia de reciprocidade, ou seja, para a terra dar a vida precisa receber algo em troca, por isso desenvolveu-se um certo culto a ela. É nesse período também que o homem se vê obrigado pelo mito a pensar sobre a morte. Como os deuses da morte são freqüentemente os mesmos da colheita percebe-se uma ligação profunda entre a vida e a morte.

Como o advento das primeiras civilizações, os deuses ocupam lugares fundamentais, como

moradores das cidades, as cidades são suas moradas e estão especialmente a seu serviço. Na era Axial surgem grandes sábios e profetas; é o surgimento da religião como conhecemos na atualidade. Nesse momento é que passa a existir a exigência de um comportamento ético e adequado aliado ao culto ou devoção aos mitos.

No chamado período pós-axial surgem as três religiões monoteístas, que se consideram históricas; o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Ao contrário das outras religiões que se baseiam, sobretudo, num psicologismo, essas três religiões concebem seu deus como um agente capaz de atuar e transformar as realidades históricas.

Por último, na sociedade moderna, a autora vê, de certa forma, a morte da mitologia, pois embora ela não tenha desaparecido, perdeu o status central na vida da maior parte das pessoas. A sociedade agora solidificada em bases econômicas diferentes, na ciência e no logos, teria denegrido o mito como inútil, falso e ultrapassado.

Como obra generalista o livro fornece um leve panorama, mas certamente inspira muitos questionamentos e além de uma compreensão do movimento geral do mito no pensamento da humanidade, pode ser precursor de pesquisas monográficas mais específicas e profundas a respeito do tema. Além disso, possui uma redação fluente e agradável, dessas que não cansam ao leitor, fato significativo, pois a maioria dos livros acadêmicos carecem de um afinamento narrativo.

Referência

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos, novas abordagens, novos problemas*. 3 vol. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.